

**(aprendendo) Direitos Humanos
com Boletins do Fórum Intersindical**

[Boletim Informativo nº 54, fevereiro 2020, Artigo do mês]

Trabalho E... Filosofia (V)*Eguimar Felício Chaveira**Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos*

Drummond, talvez justificando a si mesmo, foi categórico: só é possível fazer filosofia andando a pé. Gilberto Gil, com gesto poético, enunciou: SE EU QUISER FALAR COM DEUS TENHO QUE ESTAR NU. Mas não é fácil tirar a roupa: os da família vão nos dizer que estamos loucos; os vizinhos ligarão para a polícia; os religiosos nos chamarão de blasfêmicos; a polícia nos levará à cadeia. Lá, é melhor não ficar nu...

Não é fácil ficar nu, inclusive porque a própria pele pode ser revestida de mentira e de hipocrisia. Abaixo da pele, o sangue pode correr em nome do algoz; abaixo do sangue, ou no centro do intestino, poderemos estar sorvendo agrotóxico. O pulmão pode estar respirando ar contaminado cheio de dióxido de carbono. Também não adianta se desesperar. Não adianta parar o relógio; nem adianta fingir que não está vendo, não está sentindo, não está metido na encrenca. Avaliar a própria fragilidade e não ser vencido por Ela; cobrar uma atitude e não se render à cobrança. Espalmar as mãos ao sol, olhar as linhas, o sotaque do pulso, o caminho das veias até o sovaco. Ajeitar os passos. Só é possível fazer filosofia andando a pé. Andar a pé é o trabalho que derrota a filosofia dos sentados. Carteiros, flanelinhas, catadores, vendedoras da Avon e da Natura, pesquisadores do IBOPE, agricultoras familiares: verdadeiros filósofos da práxis. Catadores de laranja, pulverizadores de agrotóxicos, tocadores de boiada, entregadores de pizza, pedintes desempregados, marisqueiras, guardadores de automóveis, recenseadores do IBGE: verdadeiros pragmáticos da filosofia. Todos esses trabalham andando a pé para filosofar sobre o trabalho. Extenuados, ao fim de cada jornada, expõem sua filosofia pelos líquidos que lhes sobram dos corpos desidratados: lágrimas.

Por ser baseada nos dilemas da existência humana e na razão e por não ser baseada na divindade e na fé, para filosofar é preciso andar a pé.

E trocar a razão pela razão.

Para fazer a filosofia do trabalho, é preciso andar a pé, depois aprofundar o filosofar engatinhando, joelho ralando no chão, para, finalmente, aprofundar o pensamento filosófico sobre o trabalho, rastejando, rastejando como rastejam os trabalhadores catadores de siris, os trabalhadores do esgoto, os peões da construção civil, os trabalhadores que desencavam seus iguais soterrados pelos crimes do Estado e os soldados da construção naval que rastejam nos porões dos navios que transportam grãos de soja e petróleo. Rastejam para que os navios não afundem e tragam mais riqueza para os ricos do país e mais miséria para os trabalhadores do país.

Se a filosofia pretende compreender o ser e suas perguntas não são respondidas pela ciência, em matéria de trabalho, algo está errado com a filosofia ou com a ciência ou com ambas. Se não for assim o erro está no ser. Aí então é melhor ficar nu e ir direto para a delegacia mais próxima. Delegacia de crimes ontológicos. Mas, se há alguma alternativa ao ser humano e seu trabalho, além da filosofia e da ciência, nosso papel é persegui-la, caminhando pé a pé. Se as éticas aristotélica, kantiana, marxiana e dos demais filósofos e cientistas ético-dependentes não conseguiram colocar os trabalhadores de pé, andando com seus peitos estufados de orgulho e prazer por construir o mundo dos que lhes oprimem, para então se levantarem contra eles, qual o endereço da delegacia? Ou, para que serve a filosofia, a ciência e essas ocorrências? Ou qual alternativa? Lograrão os doutores, acadêmicos como nós, respostas como nós, os anêmicos das grandes perguntas, que não as exultamos? Simplificar talvez seja a única alternativa. Como saber? Tentando. Simplifiquemos. O trabalho é a glória das grandes filosofias. Filósofo sequer filosofou sem ter o trabalho como sustento de sua sabedoria. Nem o pão, nem a cadeira, nem a pena tradutora de suas ideias foram-lhes agraciados sem trabalhadores nas sombras agraciando-lhes. Nenhum entre todos construiu o palco para sua retórica, tampouco sequer algum tecer o pano que enxugou o suor de suas testas pelas respostas não dadas sobre os grandes mistérios, sem trabalhadores por ali, construindo os palcos e tecendo os panos. Simplificar é isso. Filosofar a favor. A favor de que para serem favorecidos - os filósofos - é preciso favorecer aos que lhes favorecem para que respirem. É muito simples falar de Filosofia e Trabalho. Basta falar que filósofos que filosofam contra trabalhadores são traidores da essência da filosofia. Charlatães.

Por analogia óbvia, e extensão mais ainda, cientistas, economistas, médicos e seminaristas idem. E professores que professam a legitimação do trabalho que mata. Todos charlatães. Palavras quando registradas devem ter o pudor de medir o grau de verdade, para não provocar defensores de charlatães, advogados, por exemplo, defensores do indefensável, ao tratarem de trabalho filosoficamente, como se o sofrimento no trabalho fosse abstração, filosofia pura ou direito impuro. Para simplificar ainda mais. O bom filósofo, especialmente aquele que filosofa como profissão, ao filosofar sobre o trabalho deve ter em sua mochila papel, caneta e uma chave-de-fenda cheia de graxa. Talvez um pão com mortadela para sustentar a fome em suas caminhadas, por honra aristotélica, *mas pari passu* a seus camaradas cheios de graxa e iluminados da graça de serem artífices do mundo. Porque filosofar sobre a morte no trabalho e sobre o suicídio pelo trabalho (ou pela ausência do trabalho) ou sobre o adoecer no trabalho ou sobre o sofrimento no trabalho, sem andar a pé e meter o pé na lama é fraudulento. Basta de fraudes e fraudulências! Palavras registradas devem perder o pudor para mostrar o grau infinito de verdade.



Filosofia-ciência-direito-medicina-economia são matérias engatadas como vagões de um trem que leva os trabalhadores ao abismo da desesperança e do desespero. A hipocrisia, assim como a Via Láctea, tem limites. Se há filosofia sentada ela tem que alevantar e começar a andar a pé ... furar de tanto andar a sandália recebida ‘em bom estado’ de um catador, em agradecimento ao prato de comida numa *black friday* qualquer ... talvez eles (os filósofos) vejam que a tal da vã filosofia, por ser demasiadamente vã, jamais tenha visto o que precisa ser visto ...

A filosofia quando pensa o trabalho e o Ser trabalhador terá que sair a pé pela selva. Deixar de lado o ‘miau’ do aconchego doméstico e emitir o seu rugido para enfrentar a ferocidade dos opressores. A academia, cria de Platão, filósofo puro do sovaco ao cerebelo, na maior parte das vezes prepara “filósofos” para tratarem do trabalho como coisa menor das coisas do mundo. Não fora assim, seus “filósofos” egressos, espalhados por aí pelos parlamentos, pelos palacetes da justiça, pelos porões das políticas públicas, pelos escritórios de economistas e advogados, pelos consultórios de médicos do trabalho não estariam tramando, contribuindo, corroborando e, mesmo, aplaudindo a nova barbárie no mundo do trabalho. Retirar direitos dos trabalhadores é a “filosofia” da moda que, tal doença altamente contagiosa, coloca a doença, o sofrimento e a morte no trabalho como consequência inevitável dessa peste. Há muita filosofia e trabalho para ser filosofada, principalmente quando se resolver filosofar seriamente sobre as grandes perguntas, tais como, por que isso? Por que isso? Por que? ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.